

a montagem ressignifica a jornada de Winnie, interpretada por Patrícia Selonk, e aprofunda a fina camada que separa o otimismo da resignação. Enterrada até a cintura – e depois até o pescoço –, Winnie transforma pequenos gestos em trincheiras contra o colapso: a escova de dentes, o batom, o espelho e, mais ameaçadoramente, um revólver guardado na bolsa.

O sino estridente que marca o tempo como um despertador sem trégua e o sol impiedoso que tudo estagna compõem um cenário de suspensão e desgaste. Ainda assim, Winnie insiste em falar, repetir, acreditar – como se a palavra fosse sua última forma de movimento.

Willie, seu companheiro enigmático e quase mudo, é interpretado, em dias alternados, por Felipe Bustamante, Isabel Pacheco e Jopa Moraes. Nesta leitura, ele deixa de ser apenas uma presença residual para tornar-se um parceiro improvável – ora cúmplice silencioso, ora lembrete incômodo de que até a solidão pode ter companhia.

Beckett definiu Winnie como “*um pássaro com óleo em suas penas*”: uma criatura do ar condenada à imobilidade da terra. Se, em seu contexto original, a paisagem árida evocava a ameaça nuclear, hoje ressoa como metáfora da devastação ambiental e do esgotamento do planeta. A crise do indivíduo se funde à crise da espécie.

Nesta montagem, o humor ácido de Beckett ganha ainda mais relevo nas repetições obstinadas de Winnie, em seu otimismo feroz diante do absurdo e na mecânica implacável do tempo. Entre o riso e a ruína, a peça constrói um jogo cruel e fascinante, onde cada palavra dita ressoa como um eco entre a esperança e o delírio.

SERVIÇO

Dias Felizes, de Samuel Beckett

Até 22 de março

Espaço Armazém – Fundação Progreso

Rua dos Arcos, 24, Centro (Lapa), Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quinta a domingo, às 19:30h

Ingressos: R\$ 80 (inteira) e R\$ 40 (meia-entrada)

Ingressos online: [Sympla](#)



Espectáculo
português
“O AMOR É FODIDO”,
em São Paulo,
no Teatro Manás

Foto: Mário Rainha Campos

Monólogo de João Garcia Miguel é uma adaptação do livro homônimo de Miguel Esteves Cardoso e propõe uma reflexão nada idealizada sobre o amor, revelando suas contradições, fissuras e excessos.

Peça fica em cartaz até 29 de março (com interrupção entre os dias 4 e 15)

Na trama – definida pelo próprio encenador como “*uma espécie de Romeu e Julieta contemporâneo*” – um casal que já não se suporta encena um suicídio. Ambos sobrevivem e se reencontram 40 anos depois, para-plégicos e assombrados pelo que poderia ter sido. O reencontro tardio transforma o passado em ruína e dá forma ao peso do tempo sobre os afetos.

Para João Garcia, esses amantes enfrentam um monstro incompatível com o ser humano: o próprio amor. Num primeiro momento, essa criatura sufoca e cega; depois, faz as pessoas explodirem por dentro. Ao desafiar a lógica e a idealização romântica, a peça expõe o sentimento como força que tanto constrói quanto devasta.

Nascido e radicado em Lisboa, João Garcia Miguel é encenador, dramaturgo, performer e artista visual, com formação em Pintura, Comunicação e Teatro, além de doutorado em Teoria, História e Prática do Teatro. Sua obra cruza performance, teatro físico, artes visuais e experimentação de linguagem, criando cenas de risco e reinvenção.

Fundador de estruturas como a Companhia João Garcia Miguel, a Galeria ZDB e o grupo Olho, o artista é reconhecido por recriações radicais de textos clássicos e contemporâneos, apresentadas em teatros e espaços alternativos em Portugal e no exterior. Premiado nacional e internacionalmente, investiga o corpo, a palavra e a cena como territórios de tensão e descoberta.



Publicado em 1994, *O Amor é Fodido* consagrou Miguel Esteves Cardoso pela franqueza do título e pela escrita radical, fragmentada e sem ordem cronológica. O autor trata o amor como um sentimento difícil de compreender, a ponto de corroer a própria língua, como nos trechos em que restam apenas escombros de gramática: “*Mim bebe tudo o que houver. Ser assim mesmo antes*

de casar. Esposa sem culpa. Esposa só agravante. Beber antes bom. Agora essencial". A ruptura estética, com humor corrosivo e recusa da idealização, dialoga diretamente com o presente.

Na encenação, a palavra é o centro: João Garcia fala o texto e conversa com o público o tempo todo. Em processo de criação, vivido em meio a uma separação, o diretor encontrou novas camadas para a obra. No Brasil, a configuração em arena amplia a proximidade com a plateia e intensifica a troca. O cenário é do próprio dramaturgo; o figurino, de Rute Osório de Castro.

Entre humor e drama, a peça afirma que amar dá trabalho e pode doer – e, ainda assim, insistimos. Como diz João Garcia: *"Há momentos em que parece que quase vemos. Depois continuamos cegos"*. Na sinopse,

João, já velho e inválido, recorda o amor extremo por Teresa, marcado por um suicídio simulado e pela impossibilidade de alcançar a perfeição. O resultado é um retrato contundente daquilo que nos torna, ao mesmo tempo, vulneráveis e humanos.

SERVIÇO

O Amor é Fodido

Até 29 de março*

* Não haverá sessões entre os dias 4 e 15 de março

Teatro Manás Laboratório

R. Treze de Maio, 222, Bela Vista, São Paulo / SP

Dias/Horários: quarta a sábado, às 21h; domingos, às 18h

Ingressos: R\$ 60 (inteira) / R\$ 30 (meia)

Duração: 90 minutos

Classificação: 18 anos

"MULHER EM FUGA", com Malu Galli e Tiago Martelli, estreia em 5 de março, no Teatro Firjan SESI Centro, RJ

Foto: Leonardo Bonato



Primeira adaptação brasileira de Lutas e Metamorfoses de uma Mulher e Monique se Liberta – obras centrais do francês Édouard Louis –, o espetáculo apresenta dramaturgia inédita de Pedro Kosovski. Com direção de Inez Viana e participação especial do próprio escritor em voz off, a versão cênica aproxima as duas narrativas e constrói um diálogo direto entre mãe e filho